

BIBLIOTECA



# O CORREIO MISSIONÁRIO

## ■ DAS CRIANÇAS ■

## PÁGINA DAS ADOPÇÕES

Reverenda Madre :

*Há já muito tempo que sinto grande desejo de ter uma afilhada, mas não sabia como fazer e como visse no Correio Missionário que não era tão difícil resolvi pedir à minha mãizinha que me deixasse tomar a afilhada que tanto desejava. Como obtive licença serei madrinha de uma pequenina pretinha na Missão de S. Salvador, a quem porei o nome de Maria Messias da Paixão. Envio 50\$00 para o Baptismo e ficar-lhe-ia, Reverenda Madre, muito agradecida se me mandasse um retrato dela e de vez em quando algumas noticias da minha afilhadinha a quem já amo muito e vou pedir sempre ao Menino Jesus por ela ; desde já agradeço.*

**Resposta.** — O seu desejo duma pequenina *Maria Messias da Paixão* vai em breve realizar-se, pois o seu pedido e generosa oferta serão enviados à Missão de S. Salvador e as Missionárias terão um grande prazer em escolher-lhe uma afilhadinha.

Contamos que, fiel assinante do Correio Missionário das Crianças, será uma madrinha que desempenhará o seu papel de todo o coração.

O Correio Missionário terá o grande prazer em lhe comunicar as noticias da sua... Paixãozinha.



# A CAÇA ENTRE OS PELES-VERMELHAS

NA primavera de 1935, as Franciscanas Missionárias de Maria partiam para o Far West americano a fim de auxiliar a evangelização dos «navahos».

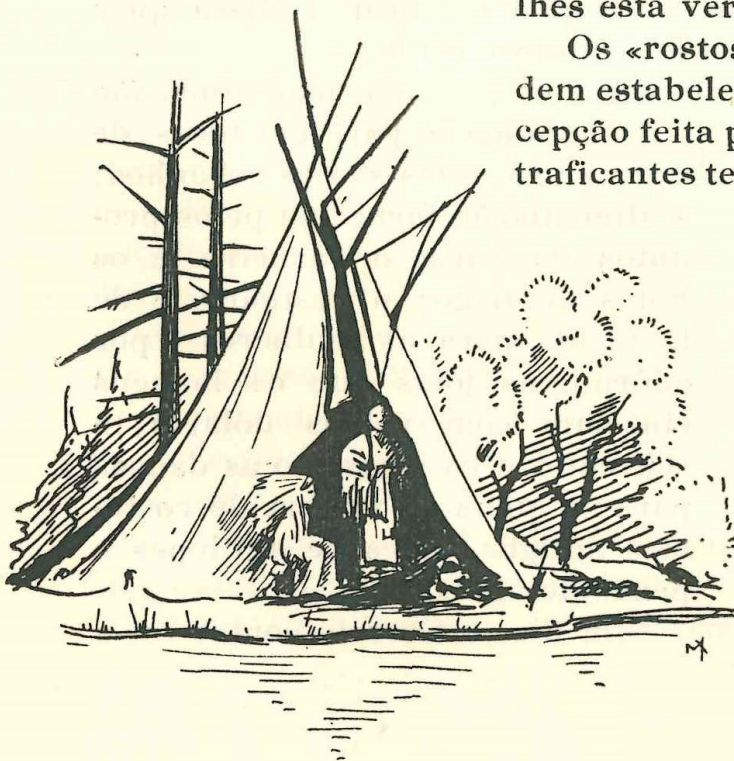
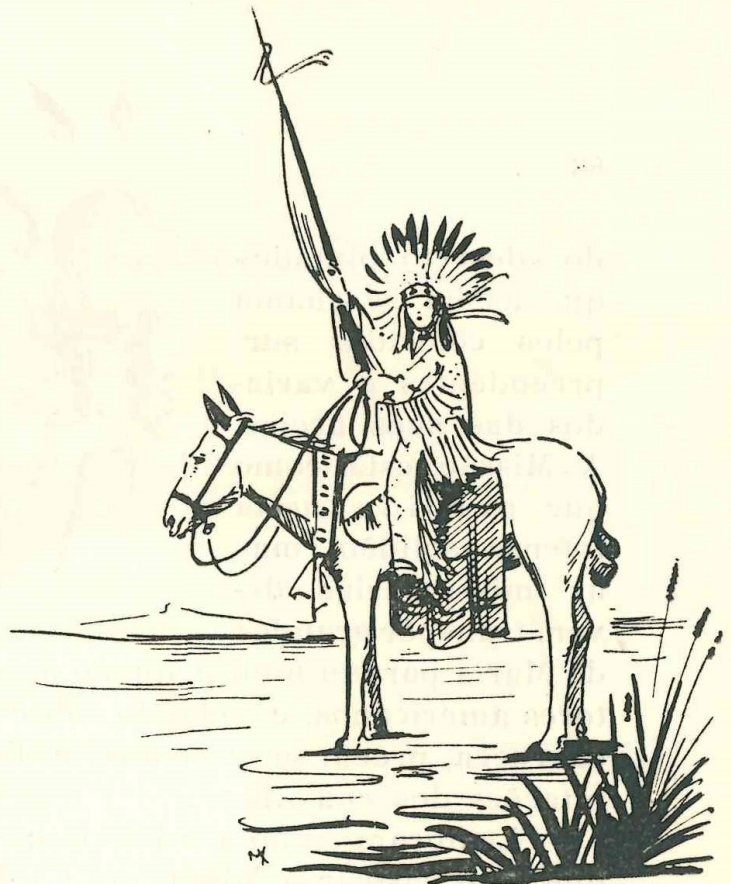
Região estranha a do oeste longínquo dos Estados- Unidos: território imenso, duma beleza selvagem que não se pode imaginar na nossa Europa, mas de tal maneira inculta, e árida que foi quasi inteiramente abandonada aos seus antigos habitantes, os peles-vermelhas. Estes apresentam-se com vários nomes, formando diferentes povos de raças diversas: os *pueblos* que vivem em aldeias, os *navahos* pastores nômadas, os *hopis*, os *lipanes* e os terríveis *apaches*.

Estas nações outrora muito guerreiras, vivem hoje em paz, cada uma na parte do território que se chama Reserva, porque lhes está verdadeiramente reservada.

Os «rostos pálidos», os brancos, não podem estabelecer-se aí ou adquirir terras, excepção feita para funcionários ou para raças traficantes tendo uma autorização expressa.

Os Padres Franciscanos e Religiosas da Missão de S. Miguel todavia, em virtude de circunstâncias inteiramente particulares, puderam construir igreja e Missão no centro mesmo da Reserva dos navahos, a maior de todas.

Que pobreza! que beleza! É a extensa planície, vizinha



do «deserto pintado» que assim se chama pelos coloridos surpreendentes e variados das suas areias. A Missão está como que perdida nesta imensa solidão, mas as missionárias devem transpôr grandes de Maria partem num pequeno auto, devido à caridade dos bemfeitores americanos, e rodando sôbre um caminho saibroso através da charneca, procuram descobrir à direita e à esquerda, os *hogans*, habitações dos «navahos».

Lembram então aos habitantes que no dia seguinte é domingo, que é preciso ir à Missa, etc.; e levando assim longe o seu itinerário, as Irmãs regressam muito tarde, já pela noite, tendo percorrido centenas de quilómetros no deserto. E são muito felizes quando na manhã do dia seguinte vêem chegar os cristãos dos quatro cantos do horizonte, uns a cavalo, outros de carro, etc. Nos dias de festa, é já magnífico quando se encontram umas quarenta presenças!... Para assegurar a um maior número de católicos a graça da Missa dominical, os Padres vão ao domingo até uns quarenta a 60 quilómetros de distância de S. Miguel celebrar a Missa quer numa pobre capelita, quer num local improvisado.

Os «navahos», são bons, de carácter pacífico, mas ainda tão primitivos e tão ignorantes!... As habitações parecem tocas de toupeira feitas de achas, e de terra; as riquezas são os rebanhos; a alimentação fornecida pelos produtos da caça, o carneiro e os bolos de trigo; o vestuário é de lã tecida para as mulheres e por adôrno, as jóias que os homens cinzelam com velhos dólares; o seu culto e os jogos são as dansas para as quais se vestem de costumes antigos, peles de antilopes e penas de águia.

Um dia, o Correio contar-vos-á



como é que as Missionárias vão à procura das almas na grande «Reserva» *navaho*; hoje vejamos como os índios perseguem a caça para seu divertimento e sobretudo para asua subsistência.

Trata-se de apanhar caça que seja grande, veado, antilope, alce?... Os «navahos» começam por formar um «corzal», grande recinto composto de arbustos e silvados; tem uma única abertura e sempre a este, do lado do sol nascente. Os pobres «navahos» pagãos recorrem freqüentemente aos feiticeiros; para a caça como para as outras circunstâncias, é necessário uma série de práticas supersticiosas: cantos ritmados com passos de dança, etc. Os caçadores que se agruparam a oeste do corzal saem então em fila e dispersam-se para entrar só à noite com a sua presa e contar, em volta das fogueiras, as suas proezas. Os métodos de caça são tão numerosos como antigos: pode-se por exemplo fazer uma batida ao antilope, forçando-o a entrar no «corzal» e aí dar-lhe o golpe mortal; ou então, lançar fogo aos arbustos e ainda trespassar com setas o animal que tenta fugir. Algumas vezes há buracos profundos dissimulados por renques de estacas; o animal perseguido forma salto para transpor o obstáculo e... cai na cova. Outras vezes também é uma série de buracos em linha recta ou em zig-zague; uns ramos e mesmo um pouco de terra escondem um pau ferrado, espetado no centro do buraco; o veado salta, despedaça esta ligeira superfície e fica empalado.

Mas a montaria consta de tôdas as artimanhas e dos laços mais astuciosos. Trata-se de se disfarçar em veado e imitar o seu andar! Muito bem: um homem veste uma pele de veado ou de antilope e mascarando-se com a cabeça, coloca o resto sôbre o dorso. As pernas são cobertas com terra de côr e como auxilio para marchar curvado e fingir que tem quatro pernas, apoia-se a dois paus. Arcos e flechas estão escondidos no corpo do caçador que vai assim pelo prado, de cabeça baixa e parecendo pastar. Consegue aproximar-se à distância de uma flecha de um pobre veado que de nada desconfia? Levanta-se rapidamente, lança fora a pele que lhe cobre a cabeça e incomoda a vista, asserta o arco e atira.

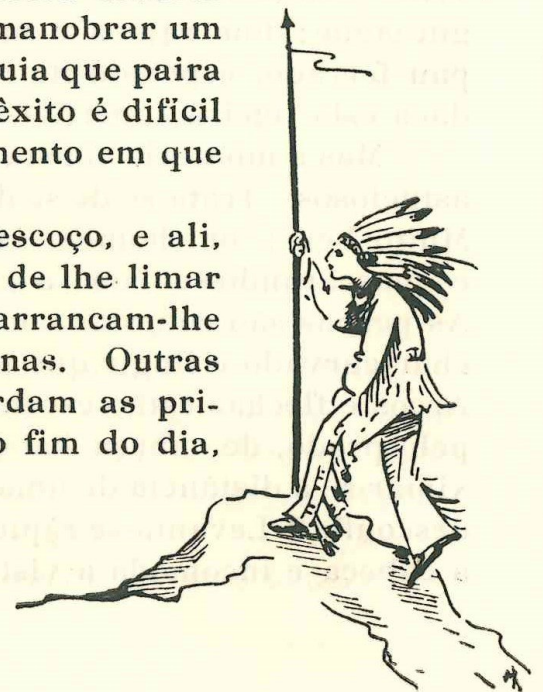


Os veados e os antílopes não são a única caça grande do Arizona, os ursos encontram-se em grande número, mas os «navahos» supersticiosos consideram-nos como animais sagrados e não ousam matá-los. Se algumas vezes, para se defender ou levado pela fome acontece a um habitante matar um urso, é obrigado a diversas práticas para afastar os castigos: desde o queixo até à cauda traçam-lhe uma linha, fazem um corte ao longo desta linha e tiram-lhe a pele. Então sôbre a carne feita em bocados, o feiticeiro oferece um sacrificio que consiste em pedras apanhadas nos «desertos pintados.»

Quanto à caça pequena, os «navahos» que querem poupar as flechas ou as balas, empregam tôda a espécie de estratagemas para a agarrar. Assim ratos da montanha e coelhos são apanhados à ratoeira; cães da planície são atraídos por meio de pequenos espelhos reflectindo o sol nos terreiros e cegando o animal que os índios trespassam com uma flecha farpada ou então pela inundação dêsses mesmos terreiros. Uma lura de coelhos foi descoberta? Os caçadores reünem-se logo e a cavalo ou a pé, batem-nos. Se é no inverno perseguem-nos na neve, se é no verão abatem-nos à pancada.

A caça à águia é mais complicada, se bem que os «navahos» procurem nunca matar uma águia. O que êles querem é apoderar-se das belas penas da cauda para embelezar os enfeites extraordinários da cabeça e que são de uso para as dansas sagradas. Para as apanhar, os caçadores escondem-se numa fossa coberta de ramos e por meio de cordéis fazem manobrar um coelho empalhado, presa fácil para a águia que paira nos ares. Quanto ao caçador, ter bom êxito é difícil porque é preciso apanhar a ave no momento em que baixa.

Agarram-na pelas patas e pelo pescoço, e ali, no fôssco mesmo, tratam primeiramente de lhe limar o bico para a tornar inofensiva, depois arrancam-lhe a penugem preciosa e as famosas penas. Outras águias pairam também no céu? Guardam as primeiras cativas, para as soltar tôdas no fim do dia, um pouco estropiadas sem dúvida, mas felizes por terem a vida salva depois duma semelhante aventura. As penas



assim recolhidas chamam-se: *giná'ats'os* ou (penas vivas). As outras aves são simplesmente apanhadas a laço.

Esquilos, perus, carneiros do monte, porcos-espinhos, são também a presa dos caçadores e de vez em quando variam as ementas da refeição «navaho».

Mesa primitiva: Um prato colocado no chão. Mas como lhe fazem honra!... Pobres peles-vermelhas! A vida material é toda a sua preocupação. Os missionários que trabalham na conversão dos «navahos» deverão sem dúvida realizar um trabalho penoso para educar um pouco estes pobres espíritos ainda tão apegados à terra! É preciso pois rezar para que a graça faça a sua obra e recompense a boa vontade dos peles-vermelhas e o zêlo dos «rostos pálidos».

## Cena do Mato

**P**EDRO tinha por ofício guardar cabras, as caprichosas cabras dum mau proprietário dos arredores de Mocumbi. É que embora tivesse só oito anos era-lhe preciso trabalhar duramente! A sua aldeia de Cogano era pobre e mais pobre ainda era a sua cabana! Eram rudes os dias que passava a correr a montanha e miserável a única ração de mandioca!

Um dia causou sensação na aldeia a notícia de que um leão rondava nas imediações da aldeia; tinham visto mesmo na areia vestígios das patadas à entrada de Cogano e até os restos sangrentos duma gazela à entrada do bosque que ficava muito próximo. E cada um tratava de se precaver e de vigiar os rebanhos mais de perto.

Mas o medo do leão não impedia que as cabras tivessem fome, e o dono pôs-se a rir dos terrores do Pedro. Custe o que custar, todas as manhãs ao romper d'alva, deve retomar com as cabras o caminho da montanha.



Um dia — já era de esperar — o leão apareceu, os olhos lançando chispas e a crina flutuando ao vento. Apenas o tempo necessário para contemplar o festim que se lhe oferece e ei-lo que se arremessa dum salto sôbre a mais bela rês...

...Depois agarra outra, e uma terceira ainda. Que é que Pedro podia fazer se não fugir? Não era poltrão, mas encontrar-se frente a frente com um leão, creio que ninguém o deseja!

O mau proprietário todavia não pensava da mesma maneira; o que Pedro devia fazer, era defender as cabras! Imagine-se!

O negro, advertido, chega ao local; tendo com grande custo reunido os pobres animais dispersos, e constatando os prejuízos, numa colera violenta condena o pobre Pedro a pagar as cabras desaparecidas que estavam sob a sua vigilância. Tinham sido três, devia portanto restituir-lhe 90\$00.

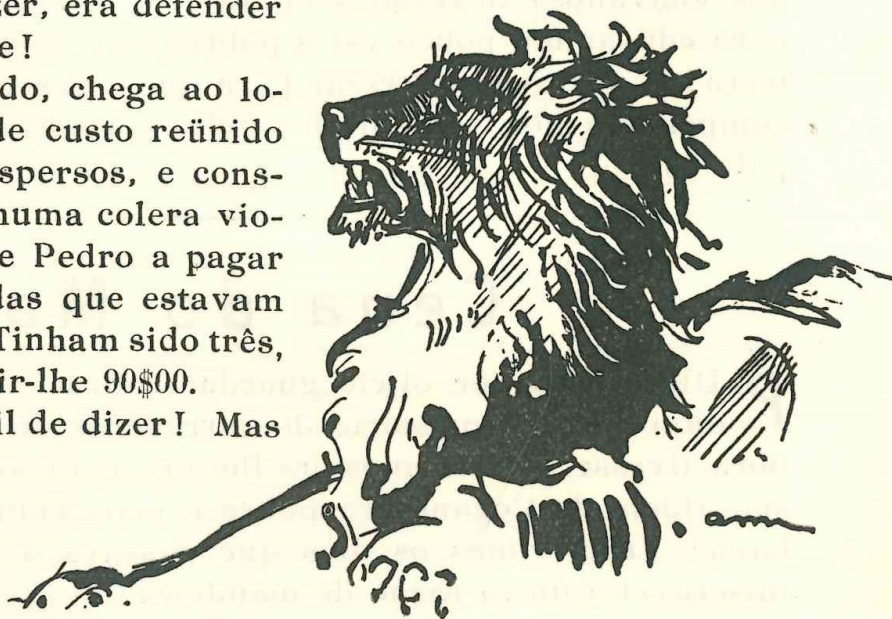
90\$00 é muito fácil de dizer! Mas quando se vive numa miserável cabana, ganhando dia a dia o pão para comer é outra coisa

muito diferente! Havia um expediente, Pedro não tinha dinheiro é certo, mas tinha uma irmãzinha chamada Massaduane. O patrão reclamou-a logo como propriedade sua e vendeu-a a um outro negro tão cruel como êle.

Durante três anos, a pobre Massaduane viveu uma autêntica vida de escrava, trabalhando por quatro, açoitada pela menor coisa mal feita e pagando com a fome a tarefa não terminada.

Um dia mesmo, pouco faltou que o negro a não matasse. Desta vez os vizinhos intervieram e enquanto o tirano era conduzido aos juizes da tribo, Massaduane era restituída ao pai. Por um curto espaço de tempo, infelizmente! O negro arranjou tão bem o seu negócio que alguns dias depois, pôsto em liberdade, vinha exigir que lhe entregassem a fugitiva, proclamando bem alto que um dia havia de matá-la.

Emquanto o pai parlamentava com o mau homem, procurando



distrai-lo e chamá-lo à paciência, Massaduane escapou-se muito sorrateiramente, meteu-se no mato, a seguir no bosque e depois de muitos atalhos percorridos, chegou à Missão.

De maneira alguma intimidada, com um ar firme, um rosto expressivo, perguntou pelas Irmãs, contou-lhes a sua triste história, o perigo que corria, mostrou os braços ainda com as nódoas do pau e da chibata com que levara e suplicou que a recebessem. Sem outra declaração, naquele mesmo instante, Massaduane transpôs o limiar do Internato.

Dora-à-vante está em lugar seguro. É alegre como um passarinho e não menos feliz ainda é o seu pobre pai ao sabê-la em segurança.

Quanto a Pedro, é de recear que sôbre êle recaia, um dia ou outro, o desaparecimento de Massaduane.

Quantas crianças, nestas paragens ainda tão tristemente entregues a um bárbaro paganismo, estão expostas a uma vida de sofrimentos!

Felizes aquêles que têm a felicidade de encontrar na Missão não só o fim dos seus males, mas ainda mais a caridade que não pode deixar de conduzi-los à luz.



## FÉ DE PRIMEIROS CRISTÃOS

**L**ÚCIA tem onze anos, Luíza dez e Maria Teresa nove; é um trio inseparável.

Só há uma sombra no quadro: o papá de Lúcia nunca vai à Igreja e ela própria não está baptizada; é certo que tem licença para assistir à aula de catecismo e desde que ouviu falar do céu e da graça, devora as lições com o desejo que tem de se tornar filha de Deus.

«Luíza, diz ela um dia muito em segrêdo a Lúcia, eu queria estar doente, muito doente, quási a morrer.

— Tu? E porquê? O que diria a tua mamã?

— Sim queria estar muito doente, porque ela prometeu que me baptizariam antes de morrer.

— Pobre Lúcia, é verdade!... Mas escuta: não é preciso adoecer, se tu quiseses eu mesma te baptizo.

— Oh! é uma bela idea! E eu que não tinha pensado em semelhante coisa! É isso mesmo, tu vais-me baptizar.

Durante alguns instantes as duas cabecinhas inclinam-se sobre o livro de catecismo para se certificarem de como hão-de fazer bem a sua obra na primeira ocasião.

Dois dias depois, lição de catecismo. Está-se justamente no capítulo do Baptismo.

Lúcia, sempre atenta, está agora muito mais.

«O que é o Baptismo?...» etc... etc...

Tôdas sabem a lição.

«Qual é o ministro do Baptismo? Diz lá... tu... Ivone.

— O ministro ordinário do Baptismo é o padre, mas, em caso de necessidade qualquer pessoa pode e deve baptizar

— «Está muito bem.»

Ah! eis presentes duas consciências que não estão muito à vontade.

Luíza levanta o dedo, hesita:

«Madre, o Baptismo é válido se... o ministro é mais pequeno?... Não, eu quero dizer, se é menos vélho?... Sim, numa palavra, mais novo que aquêle que baptizou?

— Certamente que é valido, mas deixa-te de perguntas inúteis. Está pois bem compreendido: em caso de necessidade qualquer

pessoa pode e deve baptizar, mas só em caso de necessidade. O ministro ordinário é o sacerdote.

No recreio as duas amigas falam entre si.

«Ouviste, Luiza?... Só em caso de necessidade.

— Mas há necessidade, visto que tu queres estar doente e morrer. E a Madre disse: com certeza que é válido...

Então tu já não queres?

— Oh! sim, quero. Quando? Olha, esta noite no refeitório, depois da ceia. Temos água nas bilhas.

— Isso mesmo; a Madre T. está de vigilante esta semana e ela não vê muito bem. É magnífico...»

Às 7 horas, em vez de Madre T., a Madre A. vem presidir à ceia das crianças. Lúcia e Luiza olham-se significativamente: não podem fazer nada.

São 9 horas da noite. No dormitório, silêncio... A missionária percorre-o suavemente. Tudo está a dormir.

Mal passou a cama de Lúcia logo uma cabecinha se levanta... Bem depressa um fantasma branco se aproxima com uma saboneteira na mão.

«Luiza! Luiza!

— O que é?

— Chut! Sou eu... Toma, aqui tens a água, depressa, baptiza-me!

— Agora?

— Sim, sim, depressa!...»

Ser perturbada no seu primeiro sono não lhe agradou muito, mas... tratava-se de salvar uma alma.»

«Depressa, Luiza.

E de joelhos perto da cama da amiga, a cerimónia começa:

«Lúcia, queres ser cristã?

— Sim, quero.

— Baixa a cabeça... Eu te baptizo em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo!»

Nada se mexe; ouve-se ao fundo do dormitório o ruído do têrço da Missionária continuando o seu giro.

Sòmente os anjos foram testemunhas do facto.

Uma menina pode porventura guardar um segredo?...

«Eu salvei uma alma!

— Como?

— Não digais nada, Luíza está baptizada!

— Quem a baptizou?

— Eu.

— Tu não podias!

— Mas sim! Tôda a gente pode fazê-lo.

— Mas não havia necessidade disso!

— É um pecado mortal!

A sentença denunciou tudo e no zumzum do debate a vigilante intervêm.

«O que estão para ai a dizer? Um pecado mortal?...» As teólogas ficam perplexas. Maria Teresa a mais nova do trio, deve aclarar a situação.

«É um pecado mortal, não é Madre, pois que não havia perigo de morte?» Foi preciso explicar tudo: desejo, projecto e cerimónia. O caso é gravíssimo. O sacramento parece válido. As culpáveis são conduzidas ao tribunal da Igreja. O Padre Capelão interroga.

«Mas que necessidade havia para proceder assim? E de mais a mais sem darem parte às suas professoras?»

— Grande necessidade, meu Padre, Lúcia desejava muito ser cristã, e depois, o Baptismo é para os não baptizados!»

Como fazer compreender àquelas consciências rectas a temeridade do facto realizado? Não era melhor ver a Providência inclinada sôbre uma alma e servir-se da inocência para reforçar a sua entrada nela...?

A mamã de Lúcia conhece já o segrêdo... e como a filhinha se sente tão feliz, nem sequer lhe ralhou...

No entanto para ficar fiel à graça do Baptismo, a criança terá muito que lutar e que sofrer, sem dúvida, mais do que ela imagina; mas se fôr generosa e perseverante, a fonte de vida que jorrou para ela, por seu intermédio atingirá outras almas.

Ter recebido a graça, conservá-la e dá-la aos outros, eis na realidade, a essência de uma vida missionária.



## Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

«Como tinha prometido, depois da procissão, radiante, veio entregar-me a bela túnica:

«Obrigado, *Mamelo*, eu ter orado muito ao grande Nzambi por ti e por meu *Pelo* e pelas outras *Masenlo*.

«— Estás contente?

«— Oh! eu contente, muito contente hoje!»

Pobre pequeno! Nada é para admirar que o seu exemplo arraste os outros!

Em breve eram cinco, assistindo à Missa e ao catecismo.

Uma manhã, não ouvi a voz matinal de Mosusu. O Padre não o viu nem na Missa nem no catecismo. Mandaram-se os companheiros a procurá-lo por todos os lados.

Desde a véspera, quando passou com a nassa para ir pescar, ninguém mais o viu. Esquadrinharam-se os arredores todo o dia e ainda no dia seguinte.

...Trabalho perdido! Ter-se-ia afogado? Teria sido agarrado e comido?

Nunca o saberemos, mas... podemos estar certas sem nenhum receio da eternidade do querido Mosusu. Se a água baptismal que êle desejava ardentemente não correu sôbre a sua frente, o baptismo de desejo levou-o direitinho ao paraíso.

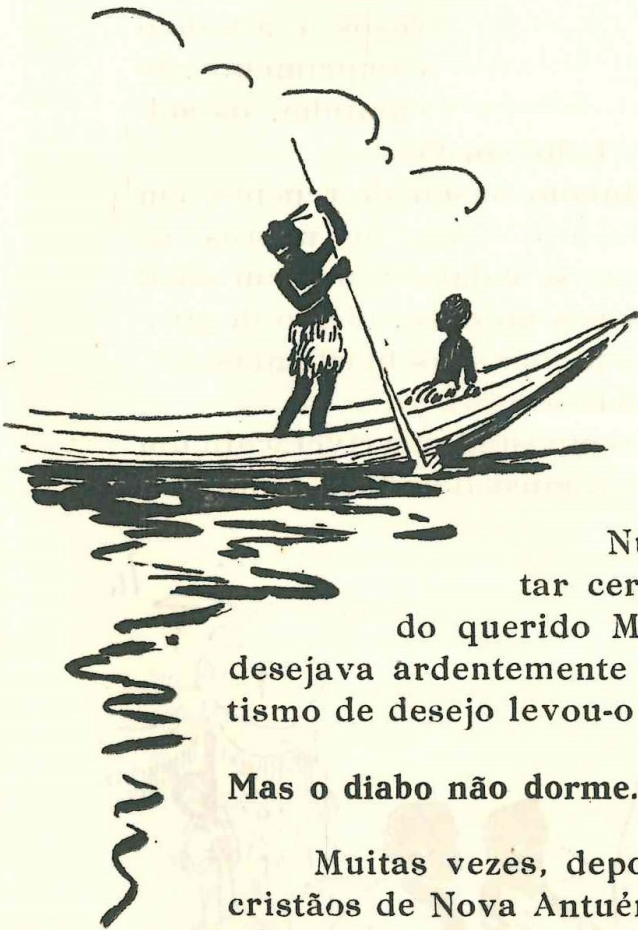
Mas o diabo não dorme.

Muitas vezes, depois da procissão do SS. Sacramento, os cristãos de Nova Antuérpia perguntavam:

«Quando recomeçarão isto?...»

«Era tão lindo...»

Em Junho de 1899, viram pelos preparativos que a festa estava próxima. Não sómente se não continham de alegria, mas à porfia rivalizavam em ajudar.





Ora, naquele ano a procissão foi magnífica. Atrás dos cristãos que formam a guarda de honra em volta do SS. Sacramento, os empregados, os pagãos mesmo comprimiam-se numerosos, e a todo o comprimento do caminho, os sol-

dados bem alinhados formavam um belo cordão.

Ai! entre êles, um pobre mussulmano ousou de repente, em plena procissão, injuriar o SS. Sacramento. Todos os negros, os pagãos como os outros, gritaram-lhe que se calasse; uns em sinal de protesto batiam na cabeça e com os pés no chão, mas o desgraçado ululava ainda mais forte, vociferando as suas blasfêmias.

Conseqüência: um castigo imprevisto.

Na noite seguinte sobreveio uma tempestade terrível, caiu um raio na aldeia, matando duma vez só o mussulmano e a mulher.

Alguns instantes depois, a casa era um montão de cinzas. Todos os habitantes se puseram a pé e os cristãos correram logo à Missão.

«Padre, gritavam êles tremendo de medo e de raiva, o grande *Nzambi* castigou-o.

Que desgraçado! Ontem escarnecia de Deus, agora vê que há um só Deus verdadeiramente presente na Santa Hóstia!»



E todos, possuidos dum mêdo salutar, pediram em plena noite para se confessar...

O Padre teve que fazer até pela manhã.

Satanás ia confessar-se vencido?... o orgulhoso tramava novas ciladas.

\*

Lembram-se de Ikadja, o chefe. Ora, Ikadja não era ainda nem cristão nem catecúmeno e ficava furioso quando alguns dos seus lhe falava em se converter.

Um dia, uma negrita, veio ter com as Irmãs:

«Mamelo, tome conta de mim, guarde-me em sua casa, eu quero ser cristã.»

Sabendo os vexames a que se expunha, Madre Maria du B. Rizzier respondeu-lhe:

«Ouve, ficar aqui é imprudente, volta agora para a tua aldeia, mas vem tôdas as tardes ao catecismo e daqui por algum tempo veremos.»

(Continua)



### Aos nossos queridos assinantezinhos

*O Correio Missionário lembra que as franquias para o estrangeiro são bastante elevadas e que para manter uma correspondência com os seus protegidos é necessário que as Missões não fiquem prejudicadas, estipulando para isso o preço de 50\$00, incluindo a fotografia. Como desejaríamos que se estabelecessem entre uns e outros uma verdadeira correspondência, interessante sob todos os pontos de vista! Quanto não havia a lucrar da parte de uns e de outros. Vamos, coragem pois e pensai, queridos assinantes, em levar pelas vossas palavras luz e consôlo aos que andam nas trevas e vivem na dor.*

Nihil obstat

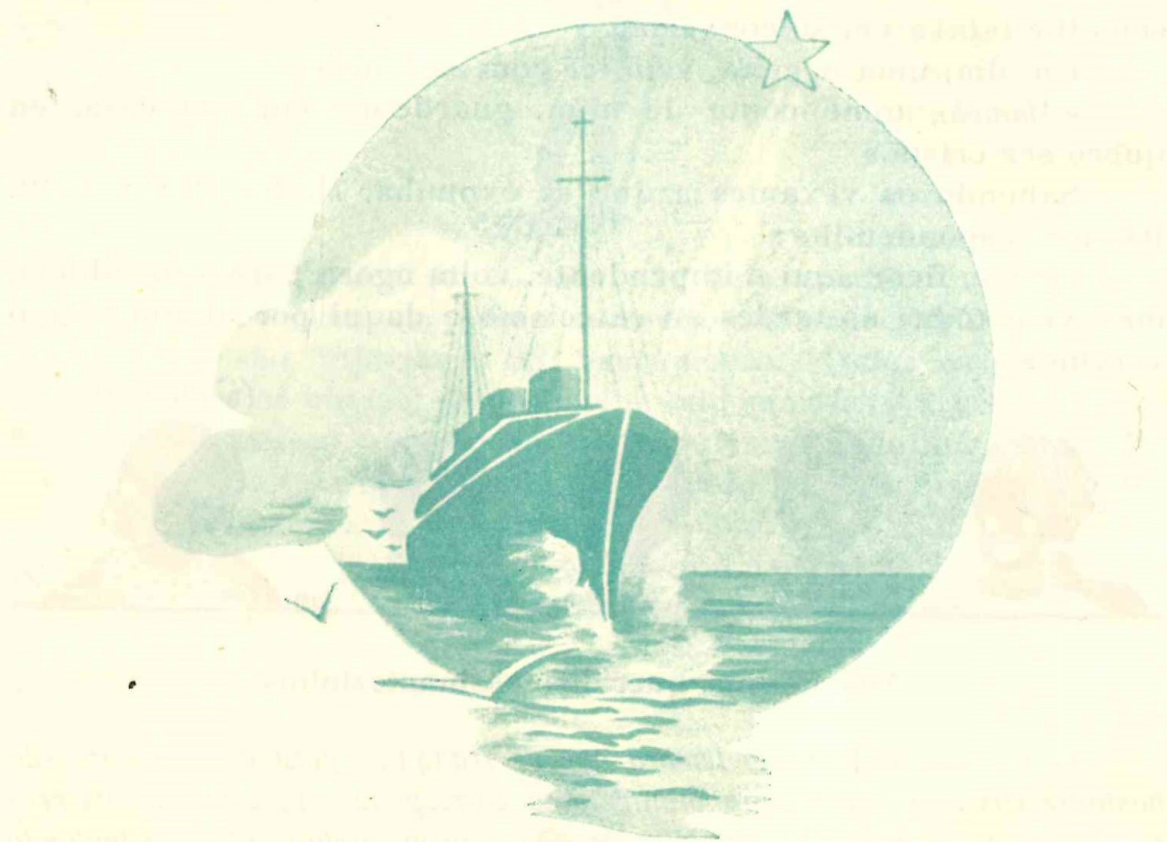
16-9-939.

P. M. Rodrigues de Azevedo.

Imprimatur

Bracaræ, 15 September 1939.

† A., Arch. Bracaræ.



CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS. — Assinatura anual: 5\$00 — Colónias: 6\$00

Para os assinantes dos Anais: 4\$00 — Assinantes Bemfeitores: Grátis

Número avulso: \$60

Tipografia das Missões Franciscanas — Braga